

Forense". De sociedade com Armando Prado, Plínio Barreto compra o *Comércio de São Paulo*, cuja propriedade passa, em 1904, a Laerte de Assunção, conseguindo a colaboração de Euclides da Cunha, seu conhecido da redação do *Estado*, e que voltava a escrever na imprensa, particularmente em *O País*, do Rio⁽²⁴⁸⁾. A 16 de maio de 1906, começava a circular, em S. Paulo, *A Gazeta*, dirigida por Adolfo Araújo, sucedido, adiante, por João Dentice, e, depois, por Antônio Covelo, que a transfere, em 1918, a Casper Líbero. A imprensa estrangeira de S. Paulo, cidade de imigrantes, particularmente italianos, foi reforçada com o aparecimento, em 1908, de *Il Piccolo*. Começavam a surgir, ali, também, revistas especializadas: em outubro de 1909, circulou *Chácaras e Quintais*, dirigida por Amadeu A. Barbiellini.

Nos outros Estados, a imprensa estava ainda na transição da fase artesanal para a fase industrial, no início do século XX; são raros os jornais de província com estrutura de empresa. Mas a matéria principal deles é também a política, e a luta política assume, neles, aspectos pessoais terríveis, que desembocam, quase sempre, na injúria mais vulgar. No Ceará, por exemplo, sob domínio da oligarquia Acioli, o jornal do governo, *A República*, agredia os elementos da oposição, enquanto, no *Unitário*, de João Brígido, que combatia o governo local, tudo se marcava pelo espírito mordaz. Juvenal Galeno era já "reliquia histórica da poesia popular". Rodolfo Teófilo "encarnava um novo Vicente de Paula". Na oposição, o *Jornal do Ceará* "não tinha medida nas suas incandescentes apóstrofes". O tipo de linguagem pode ser aferido por dois exemplos, retirados do *Unitário*, em que João Brígido se notabilizaria: notícia de banquete a deputado governista que partia para o sul era redigida assim: "À sobremesa, em nome dos presentes, saudou-o o sr. beltrano. Em seguida, fulano ergueu-se nas patas trazeiras, murchou as orelhas e pronunciou um discurso, curto mas ruim"; notícia de falecimento: "Faleceu, ontem, o venerando desembargador C., filho legítimo do honrado vigário de São Mateus".

No Recife, os órgãos de oposição à oligarquia Rosa e Silva eram *A Província* e o *Correio do Recife*, aquele fundado por José Mariano e sob a direção de Manuel Caetano, Baltazar Pereira e Gonçalves Maia; mantido

(248) A pressão no sentido de acentuar a tendência para impor-se a linguagem específica de imprensa nos jornais (as revistas só a aceitarão muito depois), é assinalada em episódio de 1906, quando Euclides da Cunha protesta contra a dispensa de Coelho Neto como colaborador do *Estado de São Paulo*: "A colaboração não agradava. Júlio de Mesquita sentiu-o bem e nós, da redação, correremos bastante para que ele tomasse a deliberação de dispensar o colaborador. As nossas predileções iam para Olavo Bilac. Euclides fez tudo para demover Júlio de Mesquita dessa deliberação". (Plínio Barreto: *Páginas Avulsas*, Rio, 1958, pág. 136).